

O UNIVERSO OCULTO NAS FALAS MACHISTAS DO EX-PRESIDENTE DO COMITÊ DOS JOGOS OLÍMPICOS DE TÓQUIO-2020

THE HIDDEN UNIVERSE IN THE MACHIST SPEECH OF THE FORMER CHAIRMAN OF THE TOKYO-2020 OLYMPIC GAMES COMMITTEE

Andrezza Gabrielli Silveira Menezes

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil. E-mail: andrezzagabriellim@gmail.com

Jordan de Castro Pinto Júnior

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil. E-mail: junior18jordan@gmail.com

Juliana Carolina da Silva Lima

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil. E-mail: julianasilvarr@gmail.com

Douglas Verbicaro Soares

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil. E-mail: douglas_verbicaro@yahoo.com.br

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v2i3.73>

Recebido em: 03.12.2021

Aceito em: 30.04.2022

Resumo: O ex-presidente do Comitê Organizador dos Jogos de Tóquio, Yoshiro Mori, declarou que ter mais mulheres nas reuniões gera atrasos, mas que algumas delas sabem ficar em seu lugar. O artigo tem como objetivo analisar esse fato, a partir da moral, da ética, do Direito e dos Feminismos, bem como os posicionamentos das japonesas, por meio de mobilizações que lideram mudanças às problemáticas. Utilizou-se do método crítico-reflexivo, e do indutivo, através da análise de artigos científicos, de reportagens, de livros e de vídeos. No caso analisado, as mulheres japonesas não se sentiram representadas na fala do ex-presidente. Tal verdade expressa-se nas mobilizações lideradas pelas mulheres japonesas para que o ciclo da discriminação de gênero se quebre e haja uma sociedade japonesa com estrutura, com oportunidade e com mecanismos para que a mulher seja quem queira. Afinal, é o desejo expresso da maioria, é sobre a oportunidade de estar disponível como direito - ainda que haja mulheres mais conservadoras que não queiram fazer usufruto - e não como favor.

Palavras-chave: Ética. Feminismo. Discriminação de gênero. Japão. Olimpíadas de Tóquio.

Abstract: The former president of the Tokyo Games Organizing Committee, Yoshiro Mori, said that having more women in meetings causes delays, but that some of them know how to stay in their place. The article aims to analyze this fact, based on morals, ethics, Law and Feminisms, as well as the positions of Japanese women, through mobilizations that lead to changes in the problems. We used the critical-



reflective method, and also, the inductive one, through the analysis of scientific articles, reports, books and videos. In the case, Japanese women did not feel represented in the speech of the former president. This truth is expressed in the mobilizations led by Japanese women for the cycle of gender discrimination be broke and to develop a Japanese society with structure, opportunity and mechanisms for women to be whoever they want to be. After all, it is the expressed desire of the majority, it is about the opportunity to be available as a right - even though there are more conservative women who do not want to make use of it - and not as a favor.

Keywords: Ethics. Feminism. Gender discrimination. Japan. Tokyo Olympics.

1 Introdução

As olimpíadas, por muito tempo, foram eventos restritos ao público masculino, sendo também, formulada nos moldes de tal público. As mulheres só conquistaram o direito de participar oficialmente a partir da segunda edição do evento. No entanto, a presença destas sempre foi muito inferior quando comparada à dos homens. Essa desigualdade passou a ser menor, chegando ao marco de mais 40% de mulheres no conselho olímpico (FRANCE24, 2021).

Nesse sentido, como avanços, também cita-se que o COI (Comitê Olímpico Internacional) anunciou que as mulheres serão 48,8% dos atletas participantes dos Jogos Olímpicos de Tóquio (FUENTES, 2021). Ademais, no evento que estava previsto para ocorrer em 2020, também há como inovação a permissão para que os países tenham homem e mulher juntos como porta-bandeiras nas cerimônias de abertura e encerramento, além de representação feminina em todos os países pela primeira vez na história (TURBIANE, 2021).

Entretanto, em contramão a tais avanços em busca da igualdade de gênero pela organização, houve a fala do presidente do Comitê Organizador dos Jogos de Tóquio (COJT), Yoshiro Mori. Em falas à imprensa japonesa declarou que ter mais mulheres nas reuniões gera atrasos desnecessários, mas que algumas delas sabem ficar em seu lugar (JORNAL DE BRASÍLIA, 2021).

O pronunciamento gerou repercussão mundial visto que há uma perspectiva, quase geral, pela igualdade entre mulheres e homens nas diversas esferas. Todavia, o presente artigo tem como objetivo analisar esses acontecimentos a partir da moral e da ética. Frisa-se que esses conceitos somente podem ser estudados propriamente se tiverem delimitados a determinado contexto.

Quanto à moral, busca-se compreender como tais fatos repercutiram na sociedade japonesa, uma vez que é nesta que Mori se insere. Também se escolheu dar ênfase, sobretudo, aos posicionamentos das japonesas, por meio das diversas mobilizações, que lideram mudanças nesse cenário. Quanto à ética, buscou-se compreender se tais falas convergem ou divergem das normas éticas da COI.

Por fim, as problemáticas foram instrumentalizadas a partir do método crítico-reflexivo, bem como do indutivo, através da análise de artigos científicos, de reportagens, de livros e de vídeos. Ademais, partiu-se da multidisciplinaridade, considerando além da ética e da moral, o Direito, a História e os Feminismos.

2 A desigualdade de gênero nas olimpíadas

A participação feminina nos Jogos Olímpicos representa a luta e espaço da mulher no cenário esportivo, além de um conflito sobre a simbolização desta na sociedade. À mulher, não era concedida a autorização participativa nos jogos, nem como espectadoras, com o pretexto de que o evento era destinado à virilidade, à fisicalidade e à honra do ser humano considerando-os heróis, o que não poderia ser atribuído à mulher, já que, conforme o pensamento da época, o sexo feminino não preenchia os principais requisitos dos heróis olímpicos: tamanho corporal, força física, habilidade e técnicas (MIRAGAYA, 2006).

O único valor imposto às mulheres era pela quantidade de filhos que produziam, portanto era incomum a ideia de competir e participar de atividades físicas, pois pensavam que a mulher era muito delicada e frágil, levando a um estilo de vida passivo (MIRAGAYA, 2002). Embora houvesse divergências culturais entre os atenienses e espartanos, nos quais o primeiro era adepto a total reclusão feminina nos esportes, os espartanos acreditavam que mulheres as quais se exercitavam, eram mais saudáveis, desta forma gerando filhos mais saudáveis, ou seja, o intuito era voltado novamente à procriação.

Assim, somente nos Jogos da Deusa Hera, datado em 200 a.C, que houve a primeira participação oficial da mulher no mundo desportivo, mesmo que as vitoriosas não recebessem o status de heroína, visto que não possuíam, sob o pensamento da época, os atributos necessários para tal, ou seja, virilidade, habilidade, técnicas, força física e tamanho corporal. Deste modo, as modalidades consistiam em competições menos desgastantes e mais simples, não exigiam o mesmo preparo físico que o masculino (MIRAGAYA, 2002).

Além disso, outro fator era bastante discutido quanto à autorização de mulheres nos Jogos Olímpicos no que tange à aceitação destas nos eventos, concedendo-lhes o direito de exercer papel de cidadã, ligando diretamente à função de guerrear, assim distanciando-se do ideal de fragilidade feminina, além do perigo inserido àquela que deveria apenas carregar a prole (FIRMINO, 2014, p.14).

Em 393, após 12 séculos de duração, os Jogos foram abolidos pelo então imperador romano cristão Teodósio II, com a premissa de considerar tal evento um ato de brutalidade e corrupção, ainda que pelo mau relacionamento entre gregos e romanos. Anos mais tarde, o estádio de Olímpia, onde ocorriam os eventos, foi dizimado e os campos olímpicos destruídos, visto que tais festividades e monumentos eram considerados pagãos pelos romanos (LUZENFICTHER, 1996).

A oficial participação feminina nos Jogos Olímpicos tardou a se concretizar. Apenas em 1900, as mulheres obtiveram participação esportiva em apenas duas modalidades: golfe e tênis, e apenas 16 mulheres participaram de tal evento que contou com mais de 200 atletas (GOELLNER, 2016). Vale ressaltar que esta não foi uma manobra de inclusão por parte do COI, mas por força do Comitê Olímpico Francês, que organizou os jogos na época, o que ocasionou numa atitude semelhante nos jogos seguintes, em 1904, na cidade de Saint Louis. Esse bloqueio é reflexo da cultura associada à generificação da mulher, além de ser enfoque em seu corpo como instrumento de maternidade e casamento (GOELLNER, 2016).

Ademais, a sociedade não proporcionou um treinamento especializado que lhes permitisse

alcançar os índices olímpicos (crítica atual), ou seja, as mulheres sempre precisaram provar sua capacidade esportiva por mais que os obstáculos tentassem retardar tais conquistas (OLIVEIRA, 2006). Apesar disso, a atuação feminina nos esportes persistiu, tornando em evidência a vontade das atletas de provar o próprio valor.

Isso é reflexo direto da história da humanidade, no que tange a representação ativa feminina em maior grau nos setores mais influentes da sociedade, principalmente, na nova sociedade industrializada no decorrer dos séculos XIX e XX. As mulheres começaram a conquistar posições de mais enfoque, garantindo a luta, em muitos lugares do planeta, para se tornar cidadã com direito ao voto. Com o gradativo esforço para conquistar um lugar na ordem social com o passar dos anos, não foi diferente no mundo dos esportes. Aos poucos, as mulheres alcançando uma realidade que, há eras, não fora lhes pertencido, embora muito lhes tenha sido atraente (MIRAGAYA, 2002).

Atualmente, pode-se perceber que não há mais tanta repulsa quanto a presença feminina nos eventos esportivos, todavia é evidente a falta de incentivo e investimentos em tais categorias, herança direta de uma cultura que não percebia a potencialidade e riqueza que todo esse espetáculo esportivo, o qual poderia ocorrer com a inserção da mulher. E como dito, além da competitividade, os Jogos são de fato um espetáculo, o que, muitas vezes, é exposto pela mídia apenas as condições corporais das mulheres, como maquiagem, corte de cabelo, ou uniforme, gerando irrelevância às habilidades atléticas e raciocínio para ditar o jogo (GOELLNER, 2016).

O maior pico de representatividade feminina foi alcançado recentemente nos Jogos Rio 2016, com 45% de participação. Uma verdadeira conquista que deveria ser a normalidade e não motivo de celebração (GOELLNER, 2016). Deste modo, Tóquio pretende bater esta meta prometendo ser os jogos mais igualitários até hoje representando 49% de atletas mulheres no total, além da própria estrutura do COI, o qual afirma que atualmente é composta por 37,5% dos membros mulheres (FUENTES, 2021), ou seja, uma conquista necessária para a geração da influência da mulher na organização e na participação dos jogos.

2.1 O histórico do Comitê Olímpico Internacional (COI) quanto à igualdade de gênero

O Comitê Olímpico Internacional (COI) foi fundado em 23 de junho de 1894 com sede em Lausanne, na Suíça, e consiste na suprema autoridade do Movimento Olímpico. Por definição da própria Carta Olímpica: “é uma organização internacional, não governamental, sem fins lucrativos, constituída por associações, dotada de personalidade jurídica, reconhecida pelo Conselho Federal Suíço”, formada por ex-atletas, atletas em atividades, dentre outros (GAVINI, 2020).

Em 126 anos, o COI apenas obteve nove presidentes ao longo de sua história, sendo que Charles Pierre Freddy, que perdurou por mais tempo, foi muito polêmico nas suas decisões quanto à participação feminina nos jogos (GAVINI, 2020). Agia sob a justificativa de que estas não iriam atrair a atenção do público pela capacidade física insuficiente para praticar esportes, portanto deveriam apenas apoiar seus maridos e educar seus filhos para torná-los grandes atletas (GOELLNER, 2016).

Outro temor apontado na época, que muito é enraizada culturalmente pelos Jogos da

Antiguidade e passado para o COI, era a de que a mulher não poderia praticar esportes, visto que era visto como um atributo exclusivamente masculino, assim as mulheres não podiam romper a barreira que delimitava sua função cultural na sociedade, caso contrário todas que tinham o intuito da prática esportiva, estariam se virilizando (GOELLNER, 2016).

Em 1925, o Barão de Coubertin deixava o seu cargo, embora não abandonando a premissa de bloqueio quanto à participação feminina nos jogos, enquanto o restante dos membros do COI já eram, aos poucos, adeptos à integração das mulheres nos eventos olímpico (GOELLNER, 2016). Todavia, não mudou as críticas sobre os seus métodos de igualdade de gênero.

2.2 O caso

A priori, faz-se imperioso entender o que, de fato, ocorreu, para então partir-se à análise do caso, tema deste artigo. Nesse sentido, segundo artigo do jornal japonês Asahi (2021), eis que em reunião com funcionários do Comitê Organizador dos Jogos de Tóquio (COJT) o, à época presidente deste, Yoshiro Mori, além de Primeiro Ministro do Japão nos anos de 2000 e 2001, teria dito:

Os conselhos de administração com muitas mulheres levam muito tempo. Se você aumenta o número de membros executivos femininos, e se seu tempo de palavra não estiver limitado em certa medida, terão dificuldade para terminar, o que é irritante. As mulheres têm o espírito de competição. Se uma levanta a mão (para falar), as outras acham que também devem se expressar. É por isso que todas acabam falando. Temos oito mulheres no comitê de organização, mas elas sabem ficar em seu lugar (ASAHI, 2021).

Nesse cenário, após a viralização da notícia nas redes, percebeu-se o impacto social do comentário da liderança do comitê. As falas foram consideradas, sobretudo pelas mulheres, perpetradas por conteúdo extremamente machista. Todavia, assistentes homens, presentes na reunião, riram das declarações sexistas de Mori (ASAHI, 2021).

Ademais, deve-se atentar ainda que, de acordo com o conselho do Comitê Organizador de Tóquio, com Mori na presidência, tinha por membros apenas cinco mulheres dentre as vinte e cinco cadeiras, não oito, com poder de voz e voto.

Vale ressaltar que a Comissão Olímpica Internacional (COI), em um primeiro momento, relutou em realizar críticas a tal conduta por medo de colocar o evento em risco, considerando o evento e suas novas *guidelines* pela igualdade de gênero.

3 A análise da ética e da moral no caso

Vislumbrado como se deu o caso elucidado, busca-se atingir um dos principais escopos, qual seja, analisar a ética e a moral relacionando-as ao acontecimento. Nesse sentido, muito se fala sobre a confusão das terminologias, o que se explica pelo fato de que as duas expressões são de dialetos distintos. Ademais, existem correntes que as consideram sinônimas, todavia não será adotado no presente trabalho.

Destarte, para lá de uma busca por significação linguística, faz-se como objetivo compreender como tais termos podem se apresentar na realidade de um determinado povo.

Haja vista que é insuficiente “questionar acerca do que se deve entender por ética ou moral, considerando apenas o conteúdo semântico dos termos [...]” (FIGUEIREDO, 2008, p.5).

Faz relevante ressaltar, também, que tanto a ética quanto a moral, por serem conceitos sociais, estão em constante mudança, pois, as “opções no plano ético não são dadas para todo o sempre, podem modificar-se, evoluir, assim como, segundo Piaget e Kohlberg, a moral evolui” (LA TAILLE, 2010, p. 113).

Dessa forma, pode-se perceber a dinamicidade das noções atreladas à ética e à moral. Ademais, pode-se influir que ambos os conceitos devem ser considerado mutuamente, uma vez que a formulação de um depende diretamente do outro, como se verá adiante.

3.1 A análise da conduta do presidente quanto à moralidade para a atual sociedade japonesa

Uma vez pontuado que a moral será visualizada a partir dos valores de um determinado grupo, delimita-se que, no presente caso, apesar dos acontecimentos terem tido repercussão mundial, será realizada análise da sociedade japonesa. Nesse sentido, ao entendimento da moral, de maneira geral, refere-se:

[...] quer aos costumes, quer às regras de conduta admitidas numa sociedade determinada. Portanto, um fato moral é aceito para um tipo de sociedade de acordo com a sua tradição ou realidade cultural. A realidade moral, neste sentido, vai se referir ao conjunto desses costumes e dos juízos sobre os costumes que são objeto de observação ou de constatação segundo as regras sócio-culturais (FIGUEIREDO, 2008, p. 6).

Dessa forma, busca-se pensar se a conduta de Mori seria considerada moral no lócus em que ele se insere. Essa iniciativa se dá, pois, como foi explicado anteriormente, não existe moral universal, e tal abordagem se propõe à análise da moral comum japonesa. Tal análise partiu do método indutivo, tendo por objeto o vídeo “Japanese React To Tokyo Olympics Chief Resigning Over Sexist Comments”. Dessa forma, parte-se das falas de 2 homens e 4 mulheres que se dispuseram a ser gravados comentando sobre o fato ocorrido no Japão (ASIAN BOSS, 2021).

Em linhas gerais, foi possível perceber que Mori teve seu comportamento “justificado” pela maioria dos entrevistados em razão da idade. Entretanto, não pode-se afirmar ter sido visto por muitos com bons olhos, uma vez que a fala do Presidente fez com que muitos voluntários deixassem o posto nas Olimpíadas.

Nesse sentido, adentrando no prisma da discriminação de gênero, apenas uma mulher afirmou nunca tê-la sofrido, representando 25% do universo de mulheres entrevistadas. Em sua fala, apontou que, se estas sofrem discriminação no Japão, os homens também a sofrem. Outrossim, concordou com a fala do ex-presidente de que se mulheres participam das reuniões, elas demoram mais (ASIAN BOSS, 2021).

Por outro lado, as demais mulheres, 75%, concordaram com a renúncia de Mori, e consideraram a opinião entendível por se tratar de um idoso, porém a condenam pela posição de liderança assumida por Mori. Afirmam eloquentemente que existe discriminação de gênero no Japão, sobretudo, nos locais nos quais trabalham. Dentre as discriminações enfrentadas ou presenciadas por elas estão: ao engravidarem são forçadas a sair do emprego, ou são rebaixadas de posição; que ao ingressar num novo emprego, são orientadas a preparar chá para os homens,

ainda que não seja sua atribuição (ASIAN BOSS, 2021).

Os homens entrevistados declaram que o discurso de Mori foi discriminatório e usam a mesma justificativa das mulheres. Um deles afirma que o país não propicia oportunidades e estruturas para que a mulher se desenvolva e viva conforme queira, bem como que a sociedade japonesa - como um todo - não tem o hábito de externalizar o seu descontentamento para que isso mude. Em suma, concordaram que o país discrimina as mulheres inúmeras vezes e que não possuem lugar de fala para expressarem com propriedade as violações de direitos enfrentados.

Nesse cenário, é imperioso ressaltar que fez-se presente nos relatos dos entrevistados menções à história vivida pelos seus antepassados de um Japão muito mais discriminador em relação às mulheres do que o atual. Tal fato pode estar atrelado à conduta do Presidente, pois “nos processos de compreensão de si, os envolvidos não podem desprender-se da história ou da forma de vida nas quais se encontram faticamente” (HABERMAS, 1989, p. 14). Ainda que não justifique o vivido atualmente, bem como o comportamento do líder, é relevante para análise tal dado concedido sobre a cultura japonesa.

Por fim, ressalta-se a fala “discriminação contra as mulheres é errado”, de um dos entrevistados. Logo, a partir da lógica dedutiva, fez-se possível concluir que, embora exista parcela da população - como a mulher que não se sente discriminada e concorda com Mori - a maioria entende a fala deste como errônea moralmente e concorda com sua renúncia.

3.2 A relação do conceito de Ética com o acontecimento

A ética em relação às normas morais:

[...] tem por objeto de análise e de investigação a natureza dos princípios que subjazem a essas normas, questionando-se acerca do seu sentido, bem como da estrutura das distintas teorias morais e da argumentação utilizada para dever manter, ou não, no seu seio determinados traços culturais (PEDRO, 2014, p. 486).

Outrossim, destaca-se que a ética “[...] parte da questão que se põe ao indivíduo que precisa de orientação, quando ele, numa situação determinada, encontra-se diante de uma tarefa a ser vencida de maneira prática: como devo comportar-me, que devo fazer?” (HABERMAS, 1989, p. 4). Faz-se necessário pontuar que busca-se pensá-la a partir do viés normativo, uma vez que esta pode ser estudada pelas mais diversas óticas. Nesse plano, pontua-se que, “[...] a ética é uma disciplina normativa, não por criar normas, mas por descobri-las e elucidá-las” (FIGUEIREDO, 2008, p.7).

Logo, faz-se mister destacar a existência do Código de Ética da COI, o qual todas as atividades relacionadas às olimpíadas devem obedecer. Nesse sentido, o seu artigo 1º preconiza que, “o respeito pelos princípios éticos fundamentais universais é a base do Olimpismo”. Dentre os princípios do código, destacam-se para análise do caso: 1.2) Respeito ao princípio da universalidade e neutralidade política do Movimento Olímpico; 1.4) Respeito pelas convenções internacionais sobre proteção dos direitos humanos, na medida em que se apliquem às atividades dos Jogos Olímpicos e que assegurem, em particular: respeito pela dignidade humana, rejeição de qualquer tipo de discriminação por qualquer motivo, seja raça, cor, sexo, orientação sexual, idioma, religião, opinião política ou outra, origem nacional ou social, propriedade, nascimento

ou outro status.

Assim, o Comitê Olímpico de Tóquio teria violado os princípios da neutralidade política do movimento e da rejeição por qualquer tipo de discriminação quando seu líder, no dado momento, expressar comentário machista, e por si só, discriminatório. Pois bem. Mori, na posição de liderança, representava o COJT e, de fato e eticamente, deveria ter escolhido mais sabiamente suas palavras. O comentário machista, em razão do conteúdo e por ter sido expresso, não somente implicou uma condição de inferioridade da mulher em relação ao homem num contexto em que decisões rápidas eram apreciadas e elas, nas palavras de Mori, atrasariam as tomadas de decisões, como infringiu norma ética estabelecida pela COI ao compor em 20%, segundo informações da Asian Boss (2021), o grupo que liderava, o que ilustrou ainda mais a atitude discriminatória.

4 Posicionamento das mulheres japonesas e o reflexo social

Vale ressaltar que a mudança da perspectiva ética, pela busca da igualdade de gênero manifestada pelo comitê olímpico, é nada mais que fruto da luta das mulheres, que condicionou a mudança da moral vigente.

A luta contra a discriminação contra as mulheres é uma das principais pautas dos movimentos feministas, tendo culminado na CEDAW (Convention to end Discrimination Against Women), importante instrumento internacional para defesa de direitos. Todavia, deve-se considerar que, apesar de essa ser uma luta que alcança os diversos âmbitos, é necessário ressaltar que as opressões das mulheres não são homogêneas (CRENSHAW, 2002).

A partir dessa ideia, busca-se compreender tal fato por meio dos protestos sociais realizados pelas mulheres japonesas, dando prioridade a seus pontos de vista (HARDING, 2004).

4.1 As mobilizações das mulheres japonesas

É cediço que analisar a conduta de Mori valorando como machista ou não cabe às próprias mulheres japonesas, uma vez que estas vivenciam e experimentam o ser mulher (es) no Japão. Nesse sentido, logo após o pronunciamento do então presidente, várias hashtags surgiram no Twitter, como *Don't be silent*, *Gender Equalit*, criadas por japonesas. Além disso, instituições, como diversas embaixadas europeias, utilizaram dessas *tags*, para colocá-las em fotos de funcionários que protestaram contra aquelas falas (OKAMOTO; PARK, 2021).

Vale ressaltar a conduta da jovem Nojo Momoko, que lançou uma petição on-line assinada por quase 150 mil pessoas, a fim de que a conduta de Mori fosse tratada de maneira séria, com a incidência das medidas devidas. Ela aponta que o motivo de tal ação foi ouvir comentários dos colegas, como, “você é uma garota, então você deve ir à uma escola que tem uniformes bonitos...” ou “Mesmo se você não tiver um emprego quando se graduar na faculdade, você pode ser uma dona de casa...” (apud OKAMOTO; PARK, 2021).

Outro ponto que se destaca é a forma de mobilização que se dá de forma digital, o que possibilita a quebra de barreiras, sobretudo neste contexto de pandemia e de distanciamento social. Esta nova vertente, encontrada pelo movimento feminista, possibilita que novas pontes

sejam construídas, pois “elas estão experimentando novas formas de trabalho coletivo [...]. São elas e suas hashtags que estão movimentando nosso mundo” [...] (BENÍTES, 2020, p. 279).

Dessa forma, é possível perceber que além de reflexões perante a conduta de Mori, o fato levantou problemáticas abrangentes atreladas aos papéis de gênero. As mulheres japonesas se uniram a outras para que finalmente tivessem suas vozes ouvidas.

3.2 A análise dos acontecimentos relacionados aos fatos e suas consequências

Os efeitos do discurso machista polêmico proferido por Yoshiro Mori geraram comoção mundial, principalmente, de atletas como a estrela do tênis japonês Naomi Osaka, de funcionários de embaixadas em Tóquio e parlamentares da oposição no Japão, além de milhares de queixas ao COI. Preocuparam-se, também, os patrocinadores do evento quanto aos danos à imagem. Dos 54 patrocinadores, 36 consideraram o discurso proferido como ofensivo e inaceitável. Nesse sentido, a governadora de Tóquio, Yuriko Koike, condenou as declarações machistas como “um grande problema”, colocando que a controvérsia poderia manchar o evento (JORNAL DE BRASÍLIA, 2021).

Embora o COI tenha assumido a repercussão, o que forçou Mori a se desculpar formalmente, tal atitude não foi valorada. Fato que o obrigou a se manifestar novamente, tornando irrelevante a postura e a indagação do órgão, uma vez que havia pressão mundial. O público questionou se as Olimpíadas consideradas as mais igualitárias da história teriam um presidente machista e um caso como este seria apenas resolvido com um pedido de desculpas, o que representaria um total descaso com a luta de séculos da representação feminina nos esportes.

A pressão popular ao COI, tanto em seu próprio país, como mundialmente, culminou na destituição de Yoshiro Mori. No dia 18 de fevereiro de 2021, tomou seu lugar Seiko Hashimoto, ex-atleta e à época Ministra pela igualdade de gênero. É a primeira mulher a comandar um Comitê Organizador na história do movimento olímpico (PUSSELDI, 2021). Esta seria, portanto, a resposta à repercussão negativa de comentários machistas de Mori para minimizar a suposta imagem negativa do COI.

5 Considerações finais

Em relação às olimpíadas, bem como ao COI, foi possível perceber que as mulheres não tiveram espaço no início dos jogos, diante de tanta carga cultural ao relacionar a mulher por uma única e exclusiva função: ser mãe, ou seja, para produzir filhos fortes e saudáveis, além de proporcionar um lar afetivo e respeitado.

Entretanto, em razão da luta contínua para o alcance lento do espaço da mulher no âmbito esportivo, a situação se inverteu e tal foi o avanço no âmbito do debate que, como foi visto, liderou a destituição do Presidente Mori. Assim, é nítida a participação das mulheres não somente dentro das quadras, mas no apoio contra as ideologias machistas presentes até hoje, independente da crença, da raça, ou da etnia, justamente para promover ainda mais a inclusão que tanto almejavam por mais de 1000 anos de história.

À medida que a cultura do herói se fortalecia nos jogos Olímpicos da Antiguidade,

podendo-se perceber a extensão de tal ideia até os dias atuais, referente ao fato dos atletas vitoriosos serem aclamados como heróis de suas pátrias ao provar suas exímias habilidades nas modalidades olímpicas, às mulheres também era dado um valor, entretanto tal valoração era somente voltada a quantidade de filhos que produzia, assim não podendo competir por conta da cultura de fragilidade feminina imposta à época. Essa crença, a qual o Barão de Coubertin cultivou, foi vagarosamente sendo se modificando em decorrência da evolução da ciência a comprovar a capacidade feminina para a prática esportiva.

Ainda que na história japonesa esteja manifesto um passado de submissão da mulher em relação ao homem, reiterado majoritariamente pelos antepassados às gerações futuras ao longo das eras, hoje percebe-se o “errado” moralmente e eticamente da atitude discriminatória às mulheres em razão do gênero.

No caso analisado, incumbe ressaltar a importância das mobilizações lideradas pelas mulheres japonesas para que o ciclo da discriminação de gênero se quebre e haja uma sociedade japonesa com estrutura, com oportunidade e com mecanismos para que a mulher seja quem queira. Afinal, é o desejo expresso da maioria, é sobre a oportunidade de estar disponível como direito - ainda que haja mulheres mais conservadoras que não queiram fazer usufruto - e não como favor.

Referências

ASIAN BOSS. *Japanese React To Tokyo Olympics Chief Resigning Over Sexist Comments*. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=Z_MNKz1dV7A>. Acesso em: 20 de nov. 2021.

BENÍTEZ, Maria Elvira Días. in DE HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 261-283.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista estudos feministas*, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000100011&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 de nov. 2020.

COI. *Código de Ética*. Disponível em: <<https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Documents/Code-of-Ethics/Code-of-Ethics-ENG.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2021.

EL PAÍS. *Yoshiro Mori, presidente do comitê olímpico de Tóquio, renuncia ao cargo após comentários sexistas*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2021-02-12/yoshiro-mori-presidente-do-comite-olimpico-de-toquio-renuncia-ao-cargo-apos-comentarios-sexistas.html> Acesso em: 19 de nov. 2021.

FIGUEIREDO, Antônio Macena. Ética: origens e distinção da moral. *Saúde, ética & justiça*, v. 13, n. 1, p. 1-9, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sej/article/view/44359>. Acesso em: 5 de dez. 2021.

FIRMINO, Carolina Bortoleto. “Sou Atleta, Sou Mulher”: *A Representação Feminina Sob Análise Das Modalidades Mais Noticiadas Nas Olimpíadas De Londres 2012*. 2014. Dissertação de Conclusão (Mestrado em Comunicação Midiática) – FAAC – Unesp, sob orientação do

prof. Dr. Mauro de Souza Ventura, Bauru, 2014.

FRANCE24. *Tokyo olympics board gets 12 new female members*. Disponível em: <<https://www.france24.com/en/live-news/20210303-tokyo-olympics-board-gets-12-new-female-members>>. Acesso em: 28 de nov. 2021.

GAVINI, Fernando. *O COI só teve nove presidente em 126 anos de história*. Disponível em: <<https://www.olimpiadatododia.com.br/curiosidades-olimpicas/243199-coi/>> Acesso em: 19 de nov. 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. *Revista USP*. São Paulo, n. 108 janeiro/fevereiro/março 2016. p. 31-37.

HABERMAS, Jürgen. *Para o uso pragmático, ético e moral da razão prática*. Estudos avançados, v. 3, n. 7, p. 4-19, 1989. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a02.pdf>>. Acesso em: 6 de dez. 2021.

HARDING, Sandra. Introduction: Standpoint Theory as a Site of Political, Philosophic, and Scientific Debate. In HARDING, Sandra (ed.). *The Feminist Standpoint Theory Reader: Intellectual and Political Controversies*. Nova Iorque; Londres: Routledge, 2004. p. 1-15.

JORNAL DE BRASÍLIA. *Presidente do Comitê Olímpico Renuncia Após Polêmica Por Comentários Machistas*. Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/torcida/presidente-do-comite-olimpico-renuncia-apos-polemica-por-comentarios-machistas/>> Acesso em: 19 de nov. 2021.

LA TAILLE, Yves de. Moral e ética: uma leitura psicológica. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 26, n. SPE, p. 105-114, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722010000500009&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 5 de dez. 2021.

LUZENFICHTER, A. (1996). *Women and Olympism. International Olympic Academy*. Paper presented at the 36th International Session for Young Participants - IOA Report, Ancient Olympia.

MIRAGAYA, A. *A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão*. Fórum Olímpico. Rio de Janeiro, 2002

MIRAGAYA, A. *A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão*. Trabalho apresentado em Fórum Olímpico, Universidade Gama Filho, 2002.

OKAMOTO, Akiko; PARK, Ju-min. *Don't be silent: How a 22-year-old woman helped bring down the Tokyo Olympics chief*. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/olympics-2020-women-int-idUSKBN2AI0Y5>>. Acesso em: 01 de dez. 2021

OLIVEIRA, Prof Dra Fátima Palha de. *INSERÇÃO DA MULHER NO AMBIENTE DESPORTIVO*. Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, v.2, n.1, 2006. p. 114-121

PEDRO, Ana Paula. Ética, moral, axiologia e valores: confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum. *Kriterion: revista de filosofia*, v. 55, n. 130, p. 483-498, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2014000200002&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 6 de dez. 2021.

PFISTER, G. *Women in the Olympic Games 1900-97*. In: DRINKWATER, B. Women in

Sport, edited by Barbara Drinkwater, 2000.

THE ASAHI SHIMBUN. *Ex-Tokyo Olympics chief again criticized for sexist comment*. Disponível em: <<http://www.asahi.com/ajw/articles/14309141>>. Acesso em: 28 de nov. 2021.

FUENTES, Patrick. Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 representam um marco na igualdade de gênero. *Jornal da USP*. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/jogos-olimpicos-de-toquio-2021-representam-um-marco-na-igualdade-de-genero/>. Acesso em: 28 de nov. 2021.

TURBIANE. *Tóquio 2020: igualdade de gênero se torna um compromisso dos jogos olímpicos*. Disponível em: <Renata<https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Olimpiada/noticia/2021/07/toquio-2020-igualdade-de-genero-se-torna-um-compromisso-dos-jogos-olimpicos.html>>. Acesso em: 28 de nov. 2021.